

RELAÇÕES ENTRE FAMÍLIA E ESCOLA NOS PROCESSOS DA EDUCAÇÃO FORMAL: PERSPECTIVA HISTÓRICA E CONTEMPORÂNEA

Neide Borges Pedrosa ¹
Rogéria Moreira Rezende Isobe ²

RESUMO

O trabalho analisa aspectos históricos sobre a relação entre família e escola e examina como tal relação se articula na sociedade contemporânea. Apresenta resultado de pesquisa que teve como objetivo contribuir com as discussões sobre a relação entre as duas instituições. Como procedimentos metodológicos foi realizado exame de documentos que compõe o acervo do Arquivo Público Mineiro. A análise contemporânea se utilizou da aplicação de questionários para representantes da família bem como entrevista semiestruturada com gestores e professores de uma escola pública de Ensino Fundamental localizada em uma cidade do interior de Minas Gerais. Os resultados evidenciam que a preocupação com a relação família-escola não é recente. O processo histórico de transferência da educação familiar para a escolar ocorreu no âmbito de ações governamentais do início do século XX voltadas para aproximação entre as duas instituições. A análise contemporânea demonstra uma escassez de diálogo entre os sujeitos provenientes das duas instituições com a transferência de responsabilidades da escola para a família e vice-versa. A relação entre família e escola se estabelece a partir de situações vinculadas a algum tipo de problema e, desta forma, pouco contribui para que as duas instituições possam construir uma relação dialógica e produtiva.

Palavras-chave: Relação família-escola; Escola Pública; História da educação.

INTRODUÇÃO

No contexto educacional brasileiro, os gestores dos sistemas e unidades de ensino bem como professores e formandos em licenciatura tem discutido e reconhecido cada vez mais que a escola por si mesma não consegue satisfazer as necessidades de formação das crianças e adolescentes e deve contar, portanto, com a participação da família como agente primordial de formação das novas gerações. Desta forma, nem a escola nem a família podem desempenhar a referida função de maneira isolada e distante uma da outra.

Apesar do reconhecimento sobre a importância dos laços que unem essas duas instâncias de socialização, a relação família-escola ocorre na maioria das vezes de forma fragmentada no que se refere à responsabilização e incertezas acerca do lugar dessas instituições na formação das novas gerações. Seja devido a alterações pelas quais a família tem passado nas últimas décadas, seja em face das constantes mudanças observadas na escola,

¹ Professora Associada da Universidade Federal de Rondônia- RO, neibpedrosa@gmail.com

² Professora Associada da Universidade Federal do Triângulo Mineiro. MG, rogeriaisobe@gmail.com

observa-se hoje uma exaltação da necessidade de se estabelecer um efetivo diálogo entre a escola e a família.

A relação entre família e escola tem despertado o interesse de estudiosos e pesquisadores do Brasil que se ocupam em ampliar a compreensão sobre o modo como os descompassos e interações entre essas duas grandes instituições educativas interfere na qualidade da formação das novas gerações (FARIA FILHO, 2000; ROMANELLI, NOGUEIRA e ZAGO, 2013; ALMEIDA, 2010; SANTOS e ROCHA, 2010; DIAS, 2009; GUIMARÃES, 2001; CAETANO, 2004; entre outros).

Até o final da década de 1970 as pesquisas acadêmicas dos países ocidentais reconheciam a importância da família na escolaridade dos sujeitos, mas enfatizavam a condição de classe do grupo familiar como fator explicativo das desigualdades de oportunidades escolares entre os educandos (NOGUEIRA, 2015).

A partir dos anos de 1980 os pesquisadores passaram a enfatizar cada vez mais a análise da relação entre essas duas instâncias de socialização, cujas esferas de atuação passaram a se intersectar cada vez mais na medida em que a escola reconhece “a família um parceiro importante para a realização de sua tarefa educativa, e com a família cada vez mais disposta a compartilhar com a escola o trabalho de formação intelectual de seus filhos” (NOGUEIRA, 2015 p. 03).

Buscando contribuir com a produção científica brasileira que tem se debruçado sobre a temática em tela, o presente trabalho apresenta resultados de pesquisa que analisa a relação família-escola na perspectiva histórica e contemporânea.

METODOLOGIA

A investigação de abordagem qualitativa do tipo descritiva utilizou como procedimentos metodológicos a pesquisa documental e de campo. De acordo com Gil (1999) a pesquisa descritiva se caracteriza pela técnica de descrição de um determinado fenômeno possibilitando o estabelecimento das relações que há entre as variáveis existentes no problema da pesquisa.

A investigação utilizou da análise documental para examinar aspectos históricos da relação família-escola. O corpus empírico compõe o acervo do Arquivo Público Mineiro. Foram utilizadas como fontes os relatórios de diretores escolares e inspetores de ensino do início do século XX.

A análise contemporânea se utilizou da aplicação de questionários e entrevista semiestruturada para sujeitos representantes da família bem como entrevista semiestruturada

com gestores e professores de uma escola pública de Ensino Fundamental localizada em uma cidade do interior de Minas Gerais³. A escola pesquisada está situada em um bairro de classe média/baixa que atende em média 700 alunos da educação infantil ao 5º ano, funcionando nos turnos matutino e vespertino. Foram aplicados questionários para 15 representantes das famílias dos alunos da escola no turno vespertino, escolhidos de acordo com a disponibilidade deles. Dos questionários entregues apenas 13 foram devolvidos e preenchidos. Para os sujeitos atuantes na escola foi realizada uma entrevista semiestruturada com a diretora e quatro professoras.

DESENVOLVIMENTO

A análise documental sobre as relações entre família escola na perspectiva histórica demonstra que o processo gradativo de transferência educação familiar para a escolar ocorreu no âmbito de ações governamentais do início do século XX voltadas para aproximação entre as duas instituições. Nessa época, profundas transformações históricas redefiniram o campo econômico, político, social e cultural do Ocidente, viabilizando novos ritmos e hábitos sociais impulsionados pelo florescer da sociedade urbano-industrial capitalista em decorrência da Revolução Científico-Tecnológica (SEVCENKO, 1998). As mudanças sociais materializadas principalmente na acelerada urbanização, nas inovações técnicas e na industrialização da produção econômica, ancoravam-se nos parâmetros da modernidade que comportava os valores da ciência, do progresso, da razão e da ordem.

O projeto de modernização idealizado por intelectuais e políticos republicanos brasileiros visava aliar o progresso material e econômico da sociedade ao “progresso das mentes”, buscando “incorporar culturalmente os sujeitos sociais em suas diferentes manifestações, na perspectiva da formação de homens e mulheres civilizados e educados” (VEIGA e FARIA FILHO, 1997, p. 204).

Nessa conjuntura, a disseminação da escola primária administrada pelo Estado, configura-se como estratégia fundamental no projeto civilizador republicano visando à formação de um povo ordeiro, útil e disciplinado que respeitasse as leis e as autoridades públicas e contribuísse na construção do progresso da nação.

A instituição escolar brasileira vai, pois, se constituindo cada vez mais como o *locus* privilegiado de formação das novas gerações na medida em que ocorre,

³ Agradecemos a aluna Nívia Ferreira da Silva Menezes pela coleta dos dados referentes à entrevista e questionário. Os dados foram coletados no decorrer das atividades do PIPE – PROJETO INTEGRADO DE PRÁTICA EDUCATIVA da Universidade Federal de Uberlândia.

gradativamente, o processo de expansão da escolarização às classes populares. Nesse processo, a escola estatal desloca outras instituições como a família e a igreja de seus lugares tradicionais de socialização “considerando-as, na maioria das vezes, incapazes de bem educar diante de uma sociedade que se urbaniza e se complexifica, que supõe novas dinâmicas e padrões de comportamento” (FARIA FILHO, 2000, p. 45).

No entanto, diversos relatórios de diretores e inspetores de ensino do início do século XX registram uma desconfiança da família em relação à legitimidade da escola como a melhor instituição de educação das novas gerações. Os gestores escolares criticam uma suposta ignorância, indiferença ou má vontade dos pais com a instrução dos filhos. Ao produzir as representações sobre as famílias, julgando-as como negligentes na educação das crianças, os relatos daqueles sujeitos deixam entrever estratégias utilizadas para que as famílias aceitassem as inovações educacionais e enviassem seus filhos à escola.

Uma das estratégias utilizadas consistia na realização de visitas às famílias, conforme relata o diretor Mário da Silva Pereira: “para realizar a matrícula, fizemos, eu e meus dignos auxiliares, uma intensa propaganda, indo de casa em casa despertar o interesse e a iniciativa dos pais no fornecimento dos dados para inscrição dos filhos” (MINAS GERAIS, 1919). O inspetor Ernesto Melo Brandão, comissionado para o cargo de diretor do grupo escolar Uberaba, utilizou aquela mesma estratégia e obteve igual resultado:

A matrícula do ano passado foi muito maior do que a do presente a razão disso está na propaganda feita o ano passado por mim e os meus dignos auxiliares, indo de casa em casa, pedir aos Pais matriculassem seus filhos no grupo. Mas, bem cedo, verificamos que os alunos matriculados a nosso pedido, eram justamente os infrequentes (MINAS GERAIS, 1910).

O inspetor Orlando Ferreira relata: “o povo daqui em geral não tem amor à instrução, quase sempre é necessário que os professores vão de porta em porta com o livro debaixo do braço para proceder a matrícula” (MINAS GERAIS, 1916).

Torna-se pertinente aqui mencionar as considerações de Narodowski (2002) a respeito do controle policial como recurso para garantir a fixação da infância na instituição escolar. O autor chama a atenção para o fato de que “no processo de escolarização é necessário estabelecer uma aliança entre a família e a instituição escolar para garantir a o fluxo infantil entre uma instituição e outra”. De certa forma – prossegue o autor – isso se obtém com a divulgação das vantagens da instrução pública, gratuita e obrigatória, no entanto, não era suficiente para manter a infância à escola. O controle policial sobre a infância configura-se

como um “mecanismo de absorção através do qual a infância se vê compelida, por meio do uso da violência, a ser absorvida pelas instituições escolares” e “reforça a ideia do poder uniformizador do Estado para garantir o fluxo escolar sob sua égide” (Id. Ib. p. 235-236).

É preciso considerar ainda que a partir de meados do século XX no Brasil a família passou por profundas transformações. Com a mudança do eixo produtivo das economias do campo para os grandes centros, formou-se uma grande migração das famílias para as cidades. A relação entre pais e filhos passa a se dar dentro de um contexto em que tanto o pai como a mãe necessitavam trabalhar fora na busca do sustento de seu lar, se ausentando do mesmo por longos períodos e ocasionando que a creche e escola passassem a ocupar cada vez mais tempo na tarefa de educar as novas gerações.

Segundo Guimarães (2001, pg 34) o movimento da Escola Nova acarretou importantes reformas educacionais, uma delas é a abertura da escola aos pais, família e a comunidade.

[...] Tal participação foi considerada tão importante para o regime autoritário que passou a ser compulsório a partir da década de 70, mediante a regulamentação e a obrigatoriedade da criação de alguns canais como as Associações de Pais e Mestres, tuteladas por regras burocráticas, ou seja, estabelecendo uma condição de “cidadania sob controle”.

A ideia de uma efetiva parceria entre família e escola ganhou força especialmente a partir dos anos 1980, no âmbito do processo de construção da democratização da escola pública que tem por princípio a participação de todos os sujeitos envolvidos na comunidade escolar.

O breve histórico evidencia que a preocupação com a relação família-escola não é recente. Desse modo, a participação da família da vida escolar passa a ser considerada cada vez mais um agente determinante no bom desempenho dos alunos no âmbito do programa estatal de “instruir e civilizar” por meio da educação.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Historicamente a relação entre a família e a escola tem-se caracterizado por ser um fenômeno pautado por descompassos, uma vez que as expectativas de cada instituição muitas vezes não são atendidas e cada sujeito envolvido acaba por transferir responsabilidades que dificultam a construção de uma relação de colaboração e parceria efetiva.

Na análise contemporânea observou-se que, na perspectiva dos gestores e professores os pais são ausentes da vida escolar de seus filhos por desinteresse e falta de compromisso. No entanto, esta ausência é sentida apenas quando se refere aos alunos com “problema”. Por

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

outro lado os pais reconhecem que não participam da vida escolar de seus filhos e alegam falta de tempo, dificuldade de acompanhamento e acabam afirmando a ausência de iniciativa eficaz por parte da escola que favoreça a participação no cotidiano escolar para além de queixas em reuniões rotineiras e/ou festas em datas comemorativas.

Na entrevista a diretora da escola declarou que trabalha na gestão há mais de doze anos e relatou a inexistência de um projeto específico relacionado a ações de aproximação com família. Em suas palavras:

Aqui não temos um projeto específico não, mas durante todo o ano, nós desenvolvemos várias reuniões que tenha participação dos pais para ver o desempenho dos alunos. Os pais aqui são muito participantes, quando a gente chama, quando é solicitado eles participam. Também quando tem dia dos pais, dia das mães, festas, eventos, eles são participantes na escola, mas um projeto específico nós não temos. A escola desenvolve vários projetos que tenham envolvimento com os pais [...] eles são muito participativos aqui na escola (Diretora).

Na percepção da gestora a participação da família se resume ao comparecimento em reuniões para tratar do desempenho do aluno e festas comemorativas. Consta-se que não há uma participação efetiva das famílias nas decisões pedagógicas da escola. A propósito Guimarães (2001) ressalta a importância da relação escola/família na construção do projeto político pedagógico e ressalta o estreitamento de laços por meio de uma agenda escolar que considere a realidade das famílias e ofereça oportunidades para participação em cursos, palestras, oficinas, enfim trocas de experiências e informações.

A diretora finalizou a entrevista sinalizando que a maior dificuldade de algumas famílias na participação da vida escolar refere-se à falta de tempo em decorrência do trabalho, ou desinteresse e ainda a falta de compromisso por parte de alguns pais.

Na entrevista com o corpo docente observou-se certo descontentamento com a participação das famílias no aprendizado dos alunos. Todas as professoras ressaltaram a importância da participação dos pais:

É uma interação néé um trabalho em equipe onde um vai colaborar com o trabalho do outro porque nós precisamos dos pais para estar nos ajudando com os filhos, e até mesmo estar interagindo com a escola né ...porque hoje nós estamos tomando muito a parte que é dos pais né que eles estão deixando de fazer a parte deles....que não é responsabilidade nossa que ao mesmo tempo a gente tem que intervir...e isso não é certo”(professora 1).

É uma parceria entre a escola e a família para que consigam alcançar os objetivos tratados que é um bom resultado ao final de cada ano onde a

criança só vai desenvolver com essa participação entre família e escola (professora 2).

É muito importante sim, porque o fato de a escola ser a extensão a família também faz parte, e o trabalho que a gente começa e faz na escola precisa que seja acompanhado e que tenha a participação dos pais” (professora 3).

É de suma importância sim. O crescimento dos alunos depende da participação dos pais, do envolvimento deles na escola, com os professores, com a direção, e em casa um acompanhamento é a parte principal no desenvolvimento dessa criança (professora 4).

Nota-se uma visão pessimista da relação escola-família e a naturalização da crença de que uma "boa" participação familiar é responsável pelo "bom" desempenho do aluno. Na perspectiva das professoras a família é avaliada a partir do seu papel, função e contribuição no processo educacional escolar, ou seja, o desempenho acadêmico dos alunos passou a ser pensado como o resultado da qualidade da participação e envolvimento dos pais na vida escolar.

Ao serem inquiridas sobre o que leva os pais a não participarem da vida escolar de seus filhos é quase unânime a alegação de falta de interesse e tempo por parte das famílias de estarem acompanhando a vida escolar de seus filhos. É o que podemos perceber nos relatos a seguir:

A falta de compromisso que eles não têm, porque tempo a gente arruma (professora 1).

Em geral é por falta de interesse porque eles pensam que tudo é responsabilidade da escola e por isso acham que são isentos dessa participação. (professora 2).

O que impede a participação dos pais é a situação financeira pelo o fato de terem que trabalhar e manter a família (professora 3).

Hoje, todos trabalham, todos têm um compromisso né? falta envolvimento de algumas famílias (professora 4).

Tanto as professoras quanto a diretora alegaram que a escola propicia horários flexíveis para que a participação dos pais em reuniões para tratar do desenvolvimento escolar de seus filhos, e afirmaram que mesmo assim não há uma participação efetiva.

De acordo com as professoras a ausência da família na escola interfere diretamente na aprendizagem dos alunos, causando indisciplina e falta de interesse por parte dos mesmos. É o que se observamos no relato a seguir que aborda as causas da ausência das famílias no espaço escolar:

A aprendizagem e a indisciplina é decorrente disso [ausência da família] porque o aluno sente que ninguém importa com ele que não tem alguém pra está tomando conta dele e eles sentem essa necessidade e às vezes fazem pra chamar a atenção e uma forma de pedir socorro e pedir para que sua família venha a escola. E quando isso acontece ligamos para os pais e informamos sobre o que está acontecendo com o aluno sobre seu comportamento na escola, pois tudo está ligado na vida do aluno a aprendizagem o ambiente familiar a escola tudo interliga na vida de um aluno para que seu comportamento esteja bom ou não (professora2).

A ausência da família na escola é apontada como fator importante no comportamento e desempenho do aluno. Ressalta-se que para Caetano (2004) a construção da parceria entre a família é função principalmente dos professores que são elementos-chave no processo de aprendizagem. Desta forma, a formação profissional específica dos sujeitos escolares favorece as tentativas de aproximação e de melhoria das relações estabelecidas com as famílias, pois “transferir essa função à família somente reforça sentimentos de ansiedade, vergonha e incapacidade aos pais, uma vez que não são eles os especialistas em educação” (CAETANO, 2004, p. 58).

Para ampliar a compreensão da temática analisou-se a perspectiva da família bem como aspectos referentes à organização familiar. Dos 15 questionários aplicados, obteve-se 13 devidamente respondidos. Constata-se que as mães são as principais responsáveis pelo acompanhamento dos alunos (92%) sendo que os pais representam somente 8% do percentual pesquisado. Esse resultado indica a organização familiar historicamente construída na qual a mulher ocupa de forma direta dos cuidados dispensados aos filhos, às vezes com ajuda de outras pessoas, na maioria das vezes das avós ou outros responsáveis.

Quanto ao grau de escolaridade observou-se que a maior incidência é entre os pais que possuem ensino médio completo, (54%), seguidos de (15%) ensino superior completo, de (15%) do ensino médio incompleto; (8%) nível técnico e (8%) do ensino superior incompleto. Constatou-se que a maioria dos pais trabalham no período da manhã/tarde (61%), ou seja, nos horários que os filhos estão na escola. Destaca-se ainda que 15% apresentaram-se como desempregados e 08% que trabalham nos períodos de manhã/tarde/noite.

No que se refere à participação na vida escolar a maioria respondeu que sempre participam (58%), há os que responderam eventualmente (23%), raramente (10%) e nunca (09%), ou seja, a maior parte procura realizar o acompanhamento e acreditam que o desenvolvimento dos filhos (as) depende dessa participação. Alguns pais registraram que apesar da falta de tempo por causa do trabalho, procuram estar presentes da melhor maneira

possível. Quando perguntados se auxiliam os filhos na tarefa de casa 84% disseram que sim e 16% disseram eventualmente e raramente.

Quando questionados sobre o convite da escola para que participem das atividades, a maioria (77%) disse sempre são convidados, e 23% disseram eventualmente; no que se refere a participação específica nos eventos 54% dos entrevistados responderam que sempre estão presentes; 15% responderam eventualmente; 23% raramente e 8% responderam que nunca vão aos eventos.

A propósito da função da escola 92% responderam que é educar e ensinar e 8% disseram preparar para o trabalho. Foram questionados ainda sobre outros aspectos: como avaliam o desempenho dos filhos na escola? Bom (93%); regular (7%). Como a escola recebe a família? Normal (53%), muito bem (47%) muito bem. Quais as dificuldades que encontram para acompanhar os estudos dos filhos? Falta de tempo (70%); dificuldade para acompanhar os estudos (30%).

No questionário foi dedicado um espaço livre para manifestação de opiniões sobre a relação família- escola. Muitos pais registraram que consideram importante participar da vida escolar de seus filhos e conseqüentemente reforçar a relação entre as instituições, mas há impedimentos para que isso de fato aconteça. Reforçaram a falta de tempo para um acompanhamento mais eficaz na vida escolar do filho e afirmaram que a intervenção dentro da escola só acontece em festas para arrecadar dinheiro para a escola ou em reuniões só para reclamar dos filhos, e ainda que a escola não dá abertura para exporem suas dúvidas.

Nota-se que há uma transferência de responsabilidade entre escola e família que gera um descompasso na relação entre as duas instituições. Segundo Szymanski (1995) essa parceria necessita ser construída em clima de respeito mútuo favorecendo sentimentos de confiança e competência, tendo delimitados os âmbitos de atuação de cada uma.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A relação entre família e escola se estabeleceu, e ainda se mantém, a partir de situações vinculadas a algum tipo de problema e, desta forma, pouco contribui para que as duas instituições possam construir uma relação dialógica e produtiva. Nessa relação complexa e desconexa não se pode culpar um grupo ou outro pois o diálogo entre as duas instâncias configura em um trabalho coletivo e contínuo. A interação efetiva se faz necessária para que ambas conheçam suas realidades e suas limitações, buscando caminhos que permitam facilitar o entrosamento entre si, alcançando assim a melhoria da qualidade do processo socialização, aprendizagem e desenvolvimento das novas gerações.

Há uma tensão inerente à relação família-escola e o desenvolvimento de novas pesquisas acadêmicas podem contribuir para maior compreensão dessa complexa relação evidenciando a importância e a competência específica de cada segmento no processo educacional.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, S. (2010). **Relação família-escola como objeto de estudo nos trabalhos acadêmicos brasileiros: 1987/2008**. Anais do XV ENDIPE - Encontro nacional de Didática de Ensino. Belo Horizonte

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar - A aventura da modernidade**. 16ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

CAETANO, L. M. (2004). **Relação escola e família: uma proposta de parceria**. *Dialógica*, 2004 vol. 1.

DIAS, A. T. T. **Pesquisando a relação família-escola: o que revelam as teses e dissertações dos programas de pós-graduação brasileiros**. 2009. 219 f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, 2009

FARIA FILHO, L. M. **para entender a relação escola-família: uma contribuição da história da educação**. São Paulo em Perspectiva. Vol 14. N2. São Paulo, 2000.

GUIMARÃES, M. C. F. **Escola-família: encontro, desencontros e reencontros**. In: MINAS GERAIS. *Guia de Estudos 1 - Relacionamento Interpessoal na escola: Projeto de Capacitação de Dirigentes – PROCAD, SEE-MG, 2001*. p. 31-46.

MINAS GERAIS, Secretaria do Interior, **Relatório do secretário ao presidente do Estado**. 1911. p. 25.

MINAS GERAIS. Secretaria do Interior. **Relatório de diretores**. Mário da Silva Pereira. Araguari, 05 de dezembro de 1919.

MINAS GERAIS. Secretaria do Interior. **Relatório de Inspeção**. Inspetor Ernesto Melo Brandão. Uberaba, 27 de janeiro de 1910.

MINAS GERAIS. Secretaria do Interior. **Relatório de Inspeção**. Inspetor Orlando Ferreira. Araguari, 16 de fevereiro de 1916.

NARODOWSKI, Mariano. "Os pedagogos Lancasterianos e a infância". In: FREITAS, Marcos C; KUHLMANN Jr., Moises. (orgs). **Os intelectuais da História da Infância**. São Paulo: Cortez, 2002.

NOGUEIRA, M. A. **Teses e dissertações sobre a relação família-escola no Brasil (1997-2011): um estado do conhecimento**. Anais da 37ª Reunião Nacional da ANPEd – 04 a 08 de outubro de 2015, UFSC – Florianópolis.

ROMANELLI, G., NOGUEIRA, M.A., ZAGO, N. (orgs.). **Família & Escola – novas perspectivas de análise**. Petrópolis: Vozes. 2013

SEVCENKO, N. "O prelúdio republicano, astúcias da ordem e ilusões do progresso" In: SEVCENKO, Nicolau (Org.) **História da vida privada no Brasil: República: da Belle Époque à era do rádio**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, Vol. 3. p. 7- 48.

SEVCENKO, N. **Literatura como Missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. São Paulo: Brasiliense, 2003. p. 47.

SANTOS, T. C.; ROCHA, M. S. P. M. L. (2010). O “estado da arte” nas pesquisas sobre as relações família-escola: anais da Anped e Endipe. Anais do XV Encontro de Iniciação Científica da PUC-Campinas. Disponível em: https://www.puccampinas.edu.br/websist/portal/pesquisa/ic/pic2010/resumos/2010910_145254_179013_516_reseu.pdf

SOUZA, Rosa F de. **Alicerces da Pátria: Escola Primária e Cultura Escolar no Estado de São Paulo (1890-1976)**. Araraquara: UNESP, 2006. (Tese de Livre Docência em História da Educação). p 335

SZYMANSKI, H. **De que famílias vêm nossos alunos?** São Paulo: UNESP, 1995.

VEIGA, C. G. e FARIA FILHO, L. M. de. “Belo Horizonte: a escola e os processos educativos no movimento da cidade”. In: **Vária História**. Belo Horizonte, nº18, 1997. p. 204.